

ACM não crescerá, dizem waldiristas

Da Sucursal de Salvador

A renúncia de Waldir Pires ao governo da Bahia não deve propiciar o avanço das chamadas "forças carlistas" (aliadas ao ministro Antônio Carlos Magalhães) no Estado, derrotadas nas eleições de 1986. É essa a opinião predominante entre membros da Executiva regional do PMDB, deputados baianos e secretários de Estado.

A entrada em cena do vice-governador Nilo Coelho, 46, que assumirá o governo baiano no lugar de Waldir a partir do dia 14, não assusta os waldiristas históricos. Um dos maiores proprietários de terra da Bahia, maior fornecedor individual de gado para abate no Estado, com negócios espalhados em seis municípios do sul e sudoeste baiano —um de seus projetos, de beneficiamento de algodão, tem capacidade de faturamento anual de US\$ 20 milhões (cerca de NCz\$ 21 milhões)—, Nilo Coelho foi o homem que mobilizou empresários e recursos que viabilizaram a campa-

nha de Waldir Pires.

O secretário de Governo da Bahia, Carlos Meirelles, que acompanha Waldir desde os tempos de faculdade, acredita que Nilo Coelho manterá a unidade da coligação que elegeu o governador: "Tenho muito apreço por Nilo, pela inteireza de suas intenções. Ele tem compromissos muito fortes com Waldir e tenho certeza que os manterá. As nossas forças não serão desbaratadas. Estivemos juntos nas eleições municipais e continuaremos, na estadual de 90", diz Meirelles.

A mudança de comando no governo do Estado deverá acelerar a reforma administrativa, compromisso de palanque de Waldir concretizado há apenas um mês. Enquanto Waldir demitiu apenas cerca de dois mil funcionários não concursados, Nilo Coelho, que assumiu interinamente o Estado por 28 dias, dispensou de uma só vez 15 mil. Para tentar desinchar a máquina administrativa, uniformizou o critério de demissão, estendendo-a a todos os

que tinham menos de cinco anos de casa.

Esse é o seu segundo mandato de Nilo Coelho. O primeiro foi como prefeito de Guanambi (cidade onde nasceu, a 798 km a sudoeste de Salvador), cargo que assumiu em 1982 pelo PFL e renunciou para compor a chapa com Waldir. Ele é sobrinho do senador Nilo Coelho, que era do PDS e morreu de ataque cardíaco em 86.

Os setores mais à esquerda no arco político que elegeu Waldir Pires são os únicos a temerem uma "recaída" de Nilo Coelho e a volta ao clientelismo, que marcou a política na Bahia nos últimos 20 anos. Citam como perigosa sua amizade com o ex-ministro Prisco Viana. Não esquecem, também, os laços que o ligaram ao antecessor de Waldir, o ex-governador João Durval, aliado de Antônio Carlos Magalhães e com quem Nilo manteve bom relacionamento como presidente da união dos prefeitos da Bahia, até aderir ao PMDB, em 1986. (Denise Ribeiro)